

# ENTRONIZAÇÃO E SACERDÓCIO DE CRISTO EM HEBREUS

João Antônio R. Alves

Doutorando em Teologia, UAP, Argentina.

Professor do SALT-IAENE.

## Introdução

Dentre os vários temas abordados na carta aos Hebreus, destaca-se a obra sacerdotal de Jesus no santuário celestial. Embora tal obra seja tipologicamente apresentada no Antigo Testamento, poucos autores neo-testamentários dedicam ao tema a mesma atenção da carta aos Hebreus. Entretanto, sua realização está relacionada com a ascensão de Cristo e com a sessão referida como entronização à destra da majestade no céu. Qual a importância, então, deste tema para os destinatários originais da carta? E qual a sua importância para o cristão atual? E ainda mais, que importância tem para os eventos espirituais futuros com os quais o crente terá que se defrontar?

**Justificativa.** As circunstâncias vividas pelos destinatários da epístola aos Hebreus (uma espécie de homilia sob a forma de carta) exigiram um trabalho pastoral por parte de seu autor. As evidências internas parecem indicar que os recipientes estavam passando por um momento crítico em sua experiência espiritual. Os destinatários estavam a ponto de se afastar de Cristo e, por isso, o autor os adverte contra a apostasia (2:1-4; 3:7-4:11; 5:11-6:12; 10:19-39) e procura manter-lhes a lealdade, argumentando sobre a superioridade das bênçãos advindas à humanidade por meio de Cristo. Assim, ele apresenta a superioridade da revelação de Cristo (1:1-3), Sua superioridade em relação aos anjos (1:4-2:18), a Moisés (3:1-19), a Josué (4:1-13) e ao sacerdócio levítico (4:14-10:31).

Historicamente, pode-se conceber aquele período<sup>1</sup> como de particular angústia para os crentes. Embora sua luta contra o pecado não tivesse sido “até ao sangue” (12:4), “ao mesmo tempo supõe-se (*oupo*) que eles devem estar preparados para um encontro mortal.”<sup>2</sup> Assim, o cuidado pastoral levou o autor a escrever-lhes para animar (13:22), fortalecer, fazê-los olhar para a frente, para Jesus, para o santuário celestial, e não abandonar a esperança que os vinha alimentando até então. Da mesma forma, os cristãos atuais podem ser levados a

---

<sup>1</sup> F. F. Bruce adota o ponto de vista tentativo de que a epístola foi escrita não muito antes do começo da perseguição em Roma no ano 64 A.D. Daí se pode inferir que a situação para os cristãos não era, de maneira geral, a mais favorável (*La Epistola a los Hebreos*, trad. Marta M. De Campanelli y Catharine F. de Padilla [Buenos Aires: Nueva Creación, 1987], xliii).

<sup>2</sup> B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1977), 398.

abandonar a fé e a esquecer de Jesus: as circunstâncias hoje podem ser, obviamente, diferentes daquelas experimentadas pelos destinatários originais da carta, pois as ameaças à experiência espiritual dos cristãos podem ser o secularismo, uma mente voltada para as coisas materiais e outras armadilhas que o diabo poderia arquitetar para enredar os filhos de Deus. Numa visão escatológica, entretanto, é importante manter em mente a peleja que o diabo (Ap 12:7,9) dirige contra o remanescente da mulher (v. 17), que culminará num decreto de morte (Ap 13:1) contra os que respondem ao convite do primeiro anjo para adorar ao Criador (Ap 14:7). Mesmo reconhecendo a mudança ocorrida no tempo e nas circunstâncias, entende-se que é oportuno e necessário considerar a mensagem de segurança enviada aos hebreus, uma vez que os conflitos existenciais e espirituais enfrentados pelos cristãos permanecem essencialmente os mesmos no transcorrer dos séculos.

**Objetivo.** Destarte, o que se busca aqui é um estudo sobre o tema do sacerdócio de Cristo e suas implicações para a teologia no que diz respeito à obra contemporânea de Jesus e sua relação com os crentes. Considerando que o ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial está relacionado com Sua exaltação/entronização, e o autor da carta aos Hebreus a ele se refere repetidas vezes, tal tema receberá um tratamento a partir da perspectiva apresentada na referida epístola. Deve-se observar ainda que, como a referência ao tema é retirada do Salmo 110 (ao qual se refere em variadas ocasiões e contextos), este receberá uma consideração especial com o objetivo de ampliar a estrutura na qual o autor constrói seu argumento. Outro ponto a se destacar é que referências ao tema também se encontram em outros livros neo-testamentários, assim que uma breve avaliação será feita para estabelecer a maneira em que foi empregada a expressão “assentar-se à destra de Deus” por outros autores bíblicos. A reflexão sobre o tema da entronização de Cristo à destra de Deus pretende ainda considerar o significado do conceito em relação ao próprio Cristo. Finalmente, será mostrado como o tema se relaciona aos crentes de épocas diversas e sua aplicação à experiência do cristão contemporâneo.

### Jesus Cristo: Sacerdote e Rei

Os eruditos do Novo Testamento têm reconhecido que Jesus incorporou o tríplice caráter do ofício e ministério messiânico, o qual envolve os papéis de profeta, sacerdote e rei. O aspecto sacerdotal do ofício messiânico de Jesus pode ser visto como um motivo dominante na teologia da epístola aos Hebreus.<sup>3</sup> A

---

<sup>3</sup> Westcott afirma que o ofício sumo-sacerdotal de Cristo é o principal pensamento da Epístola (14). Similarmente William G. Johnsson, *Hebrews, Knox Preaching Guides* (Atlanta, Georgia: John Knox Press, 1980), 55. Segundo o ponto de vista de William L. Lane o tema central de Hebreus “é a importância de ouvir a voz de Deus na Escritura e no ato da pregação cristã”. (*Hebrews 1-8, Word*

superioridade do sacerdócio de Cristo é entendida por muitos como ocupando o centro doutrinário da epístola: “temos um sumo sacerdote”, “temos um altar” (Hb 8:1; 13:10)<sup>4</sup> – santuário e sacrifício são nossos. Alguns argumentos a favor desta idéia podem ser assim resumidos:

O autor o declara explicitamente em 8:1 – portanto, a epístola se centralizaria no conceito de um sumo-sacerdote assentado à destra do Pai. O argumento da epístola é melhor entendido como um desenvolvimento deste tema. O tema do sacerdócio e culto influencia quase cada detalhe do argumento do autor: por exemplo, Deus é relacionado com o santuário (8:1ss), o Filho de Deus é descrito em terminologia sacerdotal, os anjos são descritos como espíritos ministradores (1:14), a obra de Cristo é descrita em termos de sacrifício sacerdotal (9:12; 10:12) e sua aplicação como perdão através do sangue (9:22).

A absoluta superioridade do Filho é enfatizada ao se tratar de Sua exaltação (1:3; 8:1-2), mas esta exaltação está associada com a inauguração de Cristo e Sua função como sacerdote (5:5-6,10; 7:26). As seções expositivas de Hebreus se centralizam na doutrina do sumo sacerdócio de Cristo. Assim, a afirmação do autor da epístola em 8:1 de que há um “tal sumo sacerdote” permite concluir que o sumo sacerdócio de Cristo é o tema controlador da epístola.

Evidentemente, outros temas são encontrados no corpo da epístola, como a revelação de Deus (1:1-2), outros temas cristológicos, o ministério dos anjos, etc. O tema de Cristo como sumo sacerdote, entretanto, é central à epístola como um todo. Já que o ministério sumo-sacerdotal de Cristo no santuário celestial tem relação com sua exaltação e entronização à destra de Deus, será considerado aqui o pensamento bíblico acerca do tema. Com isto se pretende situar a questão em um contexto que permita captar sua significação teológica e soteriológica.

### *Salmo 110 como Contexto para a Entronização*

Segundo Holbrook, a expressão “assentar-se à direita” ocorre, com algumas pequenas variações, 20 vezes no Novo Testamento.<sup>5</sup> Essa grane quantidade de referências pode ser uma evidência da proeminência que esta doutrina ocupava na comunidade cristã primitiva.<sup>6</sup> Considerando que o Saltério é usado mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento para um propósito profético,<sup>7</sup> e que todas as declarações neo-testamentárias sobre o assunto são baseadas no

*Biblical Commentary* [Waco, TE: Word Books, Publisher, 1991], cxxvii).

<sup>4</sup> Todas as referências bíblicas são da versão *Almeida Revista e Atualizada no Brasil* (Brasília, DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969), salvo indicações em contrário.

<sup>5</sup> Frank B. Holbrook, “Christ’s Inauguration,” *Perspective Digest*, Nº 1 (Fevereiro 1997): 21.

<sup>6</sup> R. Mcl. Wilson, *Hebrews, The New Century Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1987) . 33.

<sup>7</sup> S. E. Gillingham, *The Poems and Psalms of the Hebrew Bible* (New York: Oxford University Press, 1994), 264.

Salmo 110, é interessante verificar sua mensagem para, assim, compreender seu uso posterior pelos autores bíblicos.

O verso é como segue: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (v. 1). O Salmo 110 tem apenas sete versos e se divide<sup>8</sup> em duas seções paralelas: 1-3 e 4-7. Cada seção é introduzida por um oráculo divino (versos 1 e 4), seguido por comentários nos quais o salmista elabora acerca do significado do oráculo (vv. 2-3 e 5-7). Na primeira seção Yahweh convoca o “Senhor” para que se assente à Sua direita, um lugar de poder e honra, até que Yahweh coloque todos os inimigos “debaixo dos teus pés.” Na segunda seção, paralela à primeira, há o juramento de Yahweh do eterno sacerdócio deste real “Senhor.” Dessa forma, as duas seções apresentam uma figura real/sacerdotal que alcança soberania universal e vitória absoluta. E tudo isto só ocorre porque Yahweh está presente e atuante (“o cetro do seu poder” – v. 2, e “à tua direita” – v. 5).

O Salmo é considerado um dos mais difíceis do ponto de vista exegético, em parte por causa de corrupções textuais, mas principalmente por causa de sua autoria.<sup>9</sup> De acordo com Kidner, “em nenhum outro lugar no Saltério há tanta doutrina que depende” da aceitação da autoria davídica.<sup>10</sup> Admitir-se a Davi como autor é afirmar que o rei presta “homenagem”<sup>11</sup> a este a quem ele reconhece como “Senhor.” Conseqüentemente se destaca aqui uma compreensão messiânica para o Salmo.

É um fato reconhecido que um notável grupo de eruditos “se recusa a associar o salmo com qualquer atividade do rei davídico humano,” considerando-o como “escatológico e messiânico desde o início.”<sup>12</sup> Assim se afirma que este Salmo é “messiânico em sua ênfase,” falando de um tempo “ainda por vir.”<sup>13</sup>

### *O Salmo 110 sua aplicação a Jesus*

O *sensus plenior* deste salmo só pode ser encontrado na interpretação que os escritores neo-testamentários fazem dele. Dessa forma, percebemos que o

<sup>8</sup> Outras idéias sobre a estrutura do Salmo 110 aparecem em Leslie C. Allen, *Psalms 101-150, Word Biblical Commentary* (Waco, TE: Word Books, Publisher, 1983), 85. Para a divisão do texto e as sílabas contidas em cada estância, ver Mitchell Dahood, *Psalms III – 101-150*. 1ª ed. *The Anchor Bible* (Garden City, NY: Doubleday & Company, Inc., 1970), 113.

<sup>9</sup> Arnold A. Anderson, *Psalms 73-150, The New Century Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publ. Co., 1989), 767.

<sup>10</sup> Derek Kidner, *Salmos 73-150, Introdução e Comentário* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1981), 407.

<sup>11</sup> *Ibid.*, 408

<sup>12</sup> Allen, 83

<sup>13</sup> George Angus F. Knight, *Psalms – Volume 2, The Daily Study Bible Series* (Philadelphia, Pennsylvania: The Westminster Press, 1983), 179.

“Senhor”, a quem Yahweh diz para se assentar à sua direita, foi interpretado por Jesus como “descrevendo sua própria vida e missão”<sup>14</sup> (cf. Mc 12:35-36; Mt 22:42ss; Lc 20:41ss). Jesus esclareceu para os fariseus<sup>15</sup> que o filho de Davi era também o Senhor de Davi. Em outras palavras, o Messias é de descendência davídica e é o Senhor. E está fora de qualquer dúvida que os judeus aceitaram Sua interpretação de que o Salmo se refere ao Messias, que é maior do que Davi. Consoante com o que se disse, pode-se concordar com a afirmação de que no Novo Testamento o Salmo 110 “é interpretado messianicamente, e aplicado ao triunfo e exaltação de Jesus.”<sup>16</sup>

A aplicação deste verso, portanto, a Jesus, carrega o significado implícito de um convite ao Messias para partilhar o trono de Deus. Pedro, em seu sermão no Pentecostes, argumentou que a passagem não pode se referir a Davi em pessoa, pois ele nunca ascendeu ao céu (At 2:34). A referência, portanto, deve ser a Jesus, que realmente ascendeu ao reino celestial, e se tornou não somente o Messias, mas também o Senhor celestial (v. 36).

Com isto em mente, pode-se apresentar o que o salmo diz sobre este “Senhor”, particularmente o que se refere a sua entronização. Percebe-se que este sentar-se à destra de Deus investe o rei messiânico com divina majestade, dignidade, prerrogativa e poder sobre todos (v. 1). O status do rei, portanto, não é meramente de um descendente de Davi, um rei humano comum, mas de Alguém em íntima associação com o próprio Deus, o qual exerce Sua autoridade em uma esfera acima das disputas terrenas. Sua autoridade se estende sobre todos os Seus inimigos e finalmente conduzirá a uma completa sujeição de todos sob Seus pés.

Também pode ser dito que a soberania deste “Senhor” é presente (implicada no uso do verbo “assenta-te”) e futura (“até que...”).<sup>17</sup> Assim, a vitória deste “Senhor” é vista como universal, indo além de quaisquer vitórias usualmente alcançadas pelos reis de Israel (mesmo Davi). O Salmo 110 parece ir além de quaisquer ligações que poderiam ser traçadas com um rei local.

### *O Salmo 110 e Hebreus*

O Salmo 110 é crucial ao argumento de Hebreus por causa de seu motivo

<sup>14</sup> *Ibid.*, 181. Knight acrescenta, contudo, que não deveríamos tomar “seriamente” a maneira tipicamente ‘rabínica’ em que Jesus argumenta para concluir que Ele é o “Senhor” a quem Davi se referia. Não concordo com Knight.

<sup>15</sup> Gordon J. Wenham ainda se refere aos textos de Qunram como uma evidência da interpretação messiânica do Salmo 110 (*Genesis 1-15, Word Biblical Commentary* [Waco, TE: Word Books, Publisher, 1987], 322). Ver também George A. Buttrick, ed., *The Interpreter's Bible* (Nashville: Abingdon Press, 1955), 4:588.

<sup>16</sup> Wilson, 43.

<sup>17</sup> Este aspecto futuro aparece em Hb 10:13, onde se diz que Jesus aguarda “até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés”.

'sacerdote-rei.' Ele é citado ou aludido 12 vezes na epístola<sup>18</sup> e forma o fundamento de Hebreus 7-10, a seção doutrinal central que elabora sobre a natureza do sumo sacerdócio do Filho.

O Salmo 110:1 é citado pelo escritor da carta aos Hebreus ao se referir à posição de Cristo à destra de Deus. O ato de Cristo Se assentar à direita do pai é um ato que aponta para o domínio que Ele exercerá sobre todos os reinos da terra. Hoje Cristo está ativamente empenhado na liderança de Sua igreja sobre a terra, reinando sobre Seus súditos que crêem em Seu nome, até a manifestação do Seu reino da glória.

O autor de Hebreus então cita o Salmo 110:1b para falar dos inimigos do Rei Jesus como inteiramente subjugados. Os inimigos do Messias serão completamente destituídos de poder, Seus inimigos serão colocados a Seus pés, uma metáfora para a vitória completa que o Messias conquistará, trazendo todos à submissão.

O papel de Jesus como sacerdote não é mencionado com a mesma frequência que os escritores neo-testamentários o fazem com respeito aos ofícios de profeta e rei. Desta maneira se verifica que os Evangelhos são virtualmente silenciosos com respeito ao sacerdócio de Jesus, enquanto que Paulo, nos escritos reconhecidos como de sua autoria, também dedica pouca atenção a este aspecto do ministério de Jesus. Por outro lado, para o autor de Hebreus o assunto é não somente de interesse, como pode ser considerado dominante em sua teologia.<sup>19</sup>

Inicialmente o autor afirma a necessidade ("convinha que") de que Jesus Se "tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote ... e para fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hb 2:17). Na continuação fala de Cristo como "o grande sumo sacerdote que penetrou os céus" (4:14), como "precursor" (6:20), tendo se tornado "fiador de superior aliança" (7:22), instituída com base em "superiores promessas" (8:6). Com essa argumentação, o apóstolo convida os seus leitores a intrepidamente "entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus" (10:19), na certeza de se possuir um "grande sacerdote sobre a casa de Deus" (v. 21).

A construção desta cristologia sacerdotal fundamenta-se no Antigo Testamento,<sup>20</sup> e, de maneira especial, no Salmo 110:4. E é por isso que o autor da carta aos Hebreus se refere a este verso do Salmo mais do que a quaisquer outros textos bíblicos. Com tais alusões ao verso 4 o autor fundamenta sua argumentação da superioridade do ministério celestial de Jesus sobre o sacerdócio aarônico. Deve ser observado, entretanto, que o autor não apenas cita o Antigo Testamento, como também enfatiza as qualidades sacerdotais da obra de Jesus, assim evidenciando que a aplicação a Cristo de passagens vetero-

<sup>18</sup> 1:3,13; 5:6,10; 6:20; 7:3,11,17,21; 8:1; 10:13; 12:2.

<sup>19</sup> Ver acima, 4.

<sup>20</sup> Bruce, liii.

testamentárias é apropriada.

Hagner considera que as palavras do v. 4 são dirigidas à mesma pessoa do v. 1, quando lhe foi dito: “Assenta-te à minha direita.” Destarte, identifica o personagem do v. 1 com Jesus e percebe uma ponte entre Salmo 2:7 e 110:4. A “identidade como Filho” ocorre por “decreto divino”, pois por ter ascendido à destra da majestade no céu, está capacitado a ser o sumo sacerdote ideal.<sup>21</sup>

Conquanto o sacerdócio levítico seja visto como um tipo do sacerdócio de Cristo, Este é apresentado como detentor de um ministério superior ao aarônico. O autor utiliza como tipo um personagem escassamente referido no texto bíblico: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”<sup>22</sup>

O aparente mistério que envolve a figura de Melquisedeque originou muita especulação acerca de sua identidade: a idéia judaica era de que ele era o patriarca Sem e Filo falava dele como um tipo do Logos. Alguns sustentam que ele era Cristo; outros declaram que era o Espírito Santo e ainda se propõe sua identificação com um ser sobrenatural.<sup>23</sup>

Este Melquisedeque era rei de Salém, que é identificada com Jerusalém pelo Gênesis apócrifo (22:13) e Josefo.<sup>24</sup> Também se entende Salém como “um nome arcaico para Jerusalém, como no Salmo 76:3, o único lugar onde ele ocorre.”<sup>25</sup>

Embora tendo se referido a Melquisedeque anteriormente nos capítulos 5 e 6, é no capítulo 7 que o escritor desenvolve de maneira especial o argumento da superioridade do sacerdócio de Cristo. Nos versos 1-10 tem em vista o relato de Gênesis 14:17-20, enquanto nos versos finais a perspectiva é fornecida pelo Salmo 110:4. Não obstante, em todo o capítulo 7 a passagem de Gênesis 14 se subordina ao Salmo 110:4.

No argumento do autor de Hebreus não existe uma exposição da passagem sobre Melquisedeque encontrada em Gênesis e daí uma aplicação a Cristo. Antes, “a predição de um sacerdócio Messiânico ‘segundo a ordem de Melquisedeque’ encontrada no Salmo 110:4 leva-o de volta ao relato de Gênesis – a única outra menção de Melquisedeque no AT.”<sup>26</sup>

<sup>21</sup> Donald A. Hagner, *Hebrews, New International Biblical Commentary* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, Inc., 1990), 80-81.

<sup>22</sup> Wenham, 322. William Barclay, *Hebrews*. Fernando Luis Rivera, trad. (Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1973), 78. Para uma discussão mais ampla sobre a tipologia entre Cristo e Melquisedeque, ver Westcott, 199-203.

<sup>23</sup> Cf. Thomas Hewitt, *The Epistle to the Hebrews, The Tyndale New Testament Commentaries* (London: Intersity Press, 1975), 115; John Skinner, *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*, 2ª ed., *The International Critical Commentary* (Edinburgh: T&T Clark, 1930), 269; Roberto Pereyra, *Un Comentario Exegético de la Homilía a los Hebreos* (Libertador San Martín: Universidad Adventista del Plata), 105.

<sup>24</sup> Wenham, 316.

<sup>25</sup> Skinner, 268.

<sup>26</sup> William G. Johnsson, *In Absolute Confidence* (Nashville, Southern Publishing Association, 1979), 85.

O capítulo 7 mostra que o sacerdócio de Cristo é superior porque Melquisedeque era maior do que Abraão (como evidenciado pela bênção e a recepção dos dízimos 4-10); porque a predição de um novo sacerdócio indica a inadequação do antigo (11); porque por Ele vem a “perfeição” (11,19); porque Seu sacerdócio é fundado sobre “vida indissolúvel”, e não sobre genealogia (15,16,24); porque foi estabelecido por um juramento divino (20-22); porque Ele é somente um, em vez de muitos (23); por causa de Seu caráter sem pecado (26,27); porque Ele é Filho (28).<sup>27</sup>

Dessa forma, o aspecto sacerdotal do ministério de Jesus é apresentado pelo autor de Hebreus, destacando Sua eternidade, Sua superioridade sobre o sacerdócio levítico e mostrando que Ele, mesmo sem possuir uma descendência sacerdotal, podia ser assim apresentado.

### Conclusão preliminar

Do que foi dito até aqui, percebe-se que o Salmo 110 é, de maneira geral, interpretado desde uma perspectiva messiânica. Sua aplicação a Jesus tem implicações teológicas interessantes e de muita importância para os cristãos. O apóstolo o utiliza em sua “palavra de exortação” aos crentes hebreus, construindo um argumento destinado a fortalecer a fé e animar na carreira cristã. Que lições o apóstolo tirou? Quais são as implicações de um Cristo entronizado à destra de Deus? Que significado tem isto para o crente contemporâneo? Isto se pretende ver a seguir.

### A Entronização de Cristo em Hebreus

Ao se introduzir o tema da entronização em Hebreus, algumas questões poderiam ser levantadas, às quais este artigo se propõe responder. Tais questões dizem respeito ao tempo de Sua entronização, o lugar que ocupa presentemente, Sua importância para a teologia, seu significado para o próprio Cristo e depois para o crente.

Deve-se observar que o autor emprega o verbo *kathizo*<sup>28</sup> para se referir ao “assentar-se” de Cristo à destra de Deus (Hb 1:3, 13; 8:1; 10:12; 12:2; Ef 1:20; em Cl 3:1 usa o sinônimo *kathemai*). Conforme citado anteriormente, a referência que se faz é ao Salmo 110, onde o significado é de poder, autoridade, até que todos os inimigos sejam sujeitados “debaixo” dos pés do rei.

<sup>27</sup> Johnson, *Ibid.*, 89.

<sup>28</sup> Todas as referências gregas seguem o texto de Kurt Aland et al., ed., *The Greek New Testament*, 3ª ed. (London: United Bible Societies, 1975).

### *O Elemento Temporal da Entronização*

A primeira referência que se encontra no livro de Hebreus ao tema da exaltação de Cristo “à destra de Deus” está no cap. 1:3, onde se lê: “... depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas”. Este texto se encontra num conjunto de exposições de Paulo acerca da natureza do Filho de Deus, as quais “revelam Sua grandeza e expõem a razão pela qual sua revelação é incomparavelmente superior.”<sup>29</sup> O pensamento do escritor nesta seção se move desde o pré-existente status exaltado do Filho, que se pode ver nas expressões “resplendor da glória” e “expressão exata do seu Ser” (v. 3), passando por uma afirmação de Sua participação na criação do universo (v. 2), como também de Seu ministério terrestre e auto-sacrifício (v. 3), e concluindo com Seu status atual sentado “à direita da Majestade nas alturas.”<sup>30</sup>

A entronização de Cristo não pode ser considerada de forma isolada, sem levar em consideração Sua ressurreição e ascensão. A entronização se tornou o clímax da ressurreição quando o Filho ascendeu ao trono e tomou Seu lugar à destra do Pai.

O aspecto de tempo transparece no texto quando se afirma que Jesus somente Se assentou à direita da Majestade nas alturas “depois de ter feito a purificação (*katharismōn*) dos pecados.” Assim, esta inauguração-entronização ocorreu depois que o Filho realizou Seu sacrifício sobre a cruz, durante Seu ministério terrestre.

Em cinco passagens em Hebreus (1:3,13; 8:1; 10:12; 12:2), o autor da epístola descreve a Cristo como estando assentado “à destra de Deus” seguindo a Sua ascensão.<sup>31</sup> Como mencionado, a expressão é usada em vários outros lugares no NT. O contexto de três textos (Mc. 16:19;32 Ef 1:20; 1Pe. 3:22) indica “claramente que Cristo tomou esta posição em Sua ascensão”<sup>33</sup> em 31 AD.

### *O Significado da Expressão*

O uso da expressão, e o que está implícito nela, é carregado de implicações, que dizem respeito ao próprio Cristo e também aos Seus seguidores. Assim, inicialmente se pretende destacar alguns aspectos deste “assentar-se a destra de Deus” e sua relação com Jesus.

**Exaltação.** A exaltação de Jesus segue-se a Sua ascensão e esta à

<sup>29</sup> Pereyra, 6.

<sup>30</sup> Cf. Wilson, 33. Johnsson se refere a estas fases como a atividade do Filho em Seu estado pré-encarnado, encarnado e pós-encarnado (8).

<sup>31</sup> Alwyn P. Salon, “Sanctuary Theology”, in Holbrook, 209.

<sup>32</sup> Para uma discussão acerca do final longo de Marcos, ver Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (London: United Bible Societies, 1971), 122-6.

<sup>33</sup> Salon, 209.

ressurreição. Na epístola aos Hebreus quase não há referência à ressurreição de Jesus. Contudo, a ênfase na exaltação deixa claro o pensamento do escritor acerca do assunto.<sup>34</sup> A ascensão de Jesus não é uma simples mudança de lugar – desta terra para o céu. Está implícita uma mudança em Seu *status*. Já agora não subsiste mais em forma de um servo, em estado de humilhação, sujeito a escárnios, maus tratos e morte diante dos homens. Ele é o Filho exaltado de Deus. A Ele todos os seres do universo prestam adoração.

A expressão “à destra” [ou mão direita] conota uma posição de “honra (isto é, ao lado de Deus), mas de nenhuma maneira pretende situar a presença física de Cristo no santuário celestial.”<sup>35</sup> “Mais que o lugar de Seu ministério, enfatiza o cargo e a função.”<sup>36</sup> O ato de sentar-se à destra da Majestade nos céus não significa imobilidade, e sim hierarquia, poder e missão.<sup>37</sup> Sentar-se à destra de Deus é uma frase figurativa, indicando a nova e exaltada dignidade do Salvador, Sua plena autoridade e majestade, Sua posição e preeminência sobre o universo criado.

Ainda se pode ressaltar que o simbolismo da mão, especialmente a mão direita, é de força e poder. A “mão,” de maneira particular a mão de Deus, é referida na Bíblia como poderosa. Assim é que a criação é descrita como obra da mão de Deus (Is 45:12; 48:13) e a “destra gloriosa em poder” de Deus derrotou os egípcios (Êx 15:6,12). O braço de Deus é poderoso e Sua mão direita é poderosa (Sl 89:13).<sup>38</sup>

Outro aspecto que está presente no uso da mão é aquele de distinção e deferência. Um exemplo disto se encontra na bênção proferida por Jacó, em que o uso da mão direita evidenciava a distinção que se conferia a alguém. Da mesma forma, ser colocado à direita da realeza era uma indicação de honra (1Rs 2:19; Sl 45:9).

A exaltação de Jesus à destra de Deus significa não somente honra, mas também autoridade, pois que assentar-se sobre o trono é uma prerrogativa exclusiva do governante (Êx 11:5; 1Rs 1:17ss; 3:6; 8:25).<sup>39</sup> Somente Ele tem

<sup>34</sup> A palavra *anástasis* no NT usualmente se refere à ressurreição geral dos mortos, e neste sentido é encontrada em Hb 6:2 e 11:35. A única referência clara à ressurreição de Jesus ocorre em 13:20.

<sup>35</sup> Holbrook, “Christ’s Inauguration”, 25.

<sup>36</sup> Walter Specht declara que a frase não deve ser interpretada em um sentido literal local, mas como um símbolo da suprema honra e autoridade com que Jesus foi investido (“Christ’s Session, Enthronement, and Mediatorial and Intercessory Ministry,” *The Sanctuary and Atonement – Biblical, Theological and Historical Studies*, Frank B. Holbrook, ed. [Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1989], 155). Ver também Pereyra, 130.

<sup>37</sup> Pereyra, 130.

<sup>38</sup> Ver também Colin Brown, “cheir”, *The New International Dictionary of New Testament Theology* (USA: The Paternoster Press, 1986), 2:148-150, onde são apresentadas outras idéias sobre o significado de “mão.”

<sup>39</sup> C. Schneider, “kathemai”, *Theological Dictionary of the New Testament (TDNT)*, ed. Gerhard Kittel & Gerhard Friedrich (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-1976), 3:442.

direito a tal honra e autoridade. Em duas passagens (Hb 8:1 e 12:2) o autor da epístola afirma que Jesus Se assentou à destra do trono nos céus, uma indicação de que Ele partilha o trono do universo (Ap 3:21). Ele está entronizado na majestade celestial com autoridade sobre todas as coisas, poderes e seres no universo. Assim, Sua dignidade é infinitamente superior a qualquer autoridade ou potestade conhecida neste mundo. Em Sua mensagem à Igreja de Laodicéia, Jesus promete ao vencedor o privilégio de “sentar-se Comigo no Meu trono, assim como também Eu venci, e Me sentei com meu Pai no Seu trono” (Ap 3:21).

Pode-se associar ainda uma dimensão cósmica à entronização de Cristo. Em Apocalipse 12 encontra-se de maneira resumida a narrativa de João acerca do grande conflito entre Cristo e Satanás. A tentativa de destruir a Jesus é observada no texto que diz: “e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar a luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse” (v. 4). A profecia de Apocalipse 12 mostra o estado de alerta e prontidão do dragão para destruir a criança quando esta nascesse. As palavras de João, o vidente de Patmos, não deixam margem para dúvidas acerca do plano do dragão: “devorar o filho quando nascesse” (v. 4).

Pode ser inferido, a partir de uma comparação entre a afirmação do profeta e o relato da matança dos inocentes sob o governo de Herodes (Mt 2:13ss), que o poder real a executar seus malignos planos contra o Salvador era o mesmo opositor de sempre, Satanás. Com essa conclusão concorda Ellen White quando afirma que foi o dragão de Apocalipse 12, que colocando em jogo “sua máxima astúcia,”<sup>40</sup> “procurava destruir Cristo em Seu nascimento”, atuando “sobre Herodes a fim de matar o Salvador.”<sup>41</sup>

No verso seguinte o aspecto de soberania a ser exercido pelo “filho da mulher” é declarado quando se diz que “há de reger todas as nações com cetro de ferro.” E na continuação afirma que o seu filho foi “arrebataado para Deus até o Seu trono.” Dessa forma, parece possível concluir que a entronização de Cristo implica também em sua soberania para definir os destinos de todos os povos, juntamente com Satanás e todos os seres que o acompanharam em sua rebelião contra o Filho. É importante destacar, contudo, que a definição do destino eterno de todos os seres está ainda no futuro.

Que idéia está implícita na palavra “trono”? Obviamente um reino se associa à palavra. Mas, que reino? De que maneira Cristo reina? E qual é a natureza de Seu reino? Em Seu julgamento diante de Pilatos, Ele indicou que Seu reino não era terreno, temporal, ao afirmar que Seu reino “não era deste mundo”

---

<sup>40</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 11ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979), 54.

<sup>41</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 24ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), 438.

(Jo 18:36). Em Hb 4:16 encontra-se uma afirmação que esclarece a natureza do reino de Jesus: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.”

Portanto, nesta era messiânica, Cristo reina desde o “trono da graça” no santuário celestial, aonde o cristão pode, e deve, se achegar. O verbo empregado pelo autor é *prosérkomai*, que aqui é usado em um sentido “puramente cúltico,” sendo usado pela LXX para “indicar a aproximação do sacerdote a Deus em seu serviço sacerdotal.”<sup>42</sup> Dessa forma, o “trono da graça” é o “lugar da presença de Deus, do qual a graça emana para o povo.”<sup>43</sup> Segundo Andreasen essa expressão, na terminologia cristã, “sempre tem estado intimamente ligada com a oração, e daqui com o trono da misericórdia,” onde se pode encontrar graça em tempos de necessidade.<sup>44</sup>

**Investidura.** A ascensão constitui a transição da obra de Cristo sobre a terra a Sua obra no santuário celestial. Até então Jesus estivera fisicamente junto aos Seus discípulos. Durante este período Ele os havia ensinado e preparado para os eventos posteriores. Também havia realizado a obra que o Pai confiara a Suas mãos. De maneira especial, derramou o Seu sangue sobre a cruz, como o perfeito sacrifício pelos pecados da humanidade. Agora Ele Se apresenta diante do Pai: o sacrifício fora oferecido, nada mais restava a fazer. Seu ministério terrestre foi perfeitamente cumprido. O Pai recebe o sacrifício e Jesus é investido em Sua função Sumo sacerdotal nas cortes celestiais.

O autor da carta compara mais uma vez o sacerdócio levítico com o de Cristo, afirmando que aquele é exercido “dia após dia”, enquanto que Jesus ofereceu, “para sempre, um único sacrifício pelos pecados” e “assentou-se à destra de Deus” (Hb 10:11-12).

Durante o Pentecostes, Pedro discursou aos judeus reunidos em Jerusalém, explicando-lhes que os eventos que estavam testemunhando eram um cumprimento da profecia de Joel e, ao mesmo tempo, um anúncio celestial de que Jesus de Nazaré havia sido entronizado à destra de Deus como Senhor e Cristo. Em suas palavras, lemos: “A Este Jesus Deus ressuscitou... Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis... Este Jesus... Deus O fez Senhor e Cristo” (At 2:32-36).

Posteriormente, o mesmo Pedro acrescentou uma outra dimensão a esta exaltação de Jesus, além da que apresentara em seu discurso no Pentecostes. Desta vez ele declara que “Deus, com a Sua destra, O exaltou a Príncipe e

<sup>42</sup> Schneider, “*prosérkomai*,” *TDNT*, 2:684; também Pereyra, 72.

<sup>43</sup> Pereyra, 72.

<sup>44</sup> M. L. Andreasen, *The Book of Hebrews* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1948), 181.

Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados” (At 5:31). Holbrook observa que, nesta declaração, Pedro combinou o aspecto de realza, reino, com o sacerdócio, pois que era o sumo sacerdote, juntamente com os demais sacerdotes, que lidava com as questões de pecado, arrependimento e perdão.<sup>45</sup>

Esta mesma idéia está contida na passagem de Hebreus 8:1-2, onde o autor introduz o tema do sacerdócio de Cristo com a frase: “Ora, o essencial das cousas que temos dito, é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus.” A expressão portuguesa “essencial” é a tradução do termo grego *kephalaion*, que pode ser traduzida no sentido de “a coroa do argumento” ou “o ponto principal.” Segundo Kiesler, o contexto favorece a idéia de “coisa principal” ou “ponto principal.”<sup>46</sup> Também podem ser salientados os dois sentidos que a palavra comporta: “sumário” e “ponto principal.”<sup>47</sup> Jesus é superior ao sacerdócio levítico porque Ele está sentado à destra do trono da Majestade no céu. E não somente isto. Na opinião de Pereira há que se destacar o fato de que “Ele é o sacerdote que ministra no santuário celestial.”<sup>48</sup>

A superioridade de Jesus como sumo sacerdote é constituída por cinco aspectos:<sup>49</sup> melhor sacerdote (um argumento que o autor vem desenvolvendo desde 4:16-7:28); melhor santuário (8:2,5); oferece algo melhor (8:3ss); é mediador de um melhor pacto (8:6); Sua obra repousa sobre melhores promessas (8:6). Assim como Cristo cumpriu completamente o ofício de profeta, Ele também se qualifica como sumo sacerdote e incorpora em Si mesmo tudo aquilo que foi antecipado pelo sistema sacerdotal vetero-testamentário. Como sacerdote, Ele cumpriu a definição primária do que constitui um sacerdote, ou seja, foi “tomado dentre os homens” e constituído nas cousas concernentes a Deus, a favor dos homens” (Hb 5:1). Não somente em Sua Pessoa, como também em Sua obra, Cristo cumpriu o ministério de um sacerdote, oferecendo dons, sacrifício e intercessão. Ele agiu como um verdadeiro Mediador entre Deus e o homem. De acordo com Hebreus, Cristo foi qualificado para o ofício (Hb 1:3; 3:1-6), foi apontado por Deus (5:1-10), Seu sacerdócio foi de uma ordem superior à de Aarão (5:6,10), ofereceu um único perfeito sacrifício (7:23-28) e Seu sacerdócio é eterno (7:24-25).

**Segunda Vinda.** No relato da ascensão em Atos, lê-se que Jesus foi elevado às alturas, à vista de Seus discípulos, e que uma nuvem O encobriu dos seus olhos (At 1:9). Logo em seguida, dois anjos dizem aos discípulos que Jesus foi

<sup>45</sup> Holbrook, “Christ’s Inauguration”, 62.

<sup>46</sup> Herbert Kiesler, “An Exegesis of Selected Passages”, *Issues in the Book of Hebrews*, Frank B. Holbrook, ed. (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1989), 56.

<sup>47</sup> Pereyra, 130.

<sup>48</sup> *Ibid.*

<sup>49</sup> Cf. Archibald Thomas Robertson, *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento* (Barcelona: Editorial Clie, 1990), 5:421.

levado aos Céus, mas que voltará da mesma maneira como subiu (At 1:11). Isto pode ser ligado a Mateus 26:64 (cf. Mc 14:62), onde Cristo admite que é o Cristo, Filho de Deus, e acrescenta que virá com “as nuvens do céu,” “assentado à direita do Todo-poderoso.”

De acordo com Ladd, Hebreus se refere à Segunda Vinda de Jesus no contexto de Sua obra sacerdotal.<sup>50</sup> A exaltação de Cristo à destra poderosa de Deus é vista não meramente como um sinal de Sua eficaz obra findada sobre a terra, mas também como um prelúdio para o Seu retorno para julgar (Hb 1:13; 10:13 [em ambas as referências há uma citação do Salmo 110:1]). A Segunda Vinda de Cristo, em contraste com a primeira, conferirá plena e eterna salvação aos que o aguardam (Hb 9:28), pois “por Sua morte única resolveu o problema do pecado e assegurou a salvação final ao crente.”<sup>51</sup> Sua vinda não será postergada além do tempo apontado (Hb 10:37), pois há um aspecto da salvação que aguarda a Sua Segunda Vinda, e este é levar para a cidade celestial o Seu povo redimido.

**Conforto para os Crentes.** Todo o discurso apresentado pelo apóstolo obviamente tinha uma aplicação primária aos seus leitores originais. A repetição do tema em Hebreus “indubitavelmente pretendia assegurar aos leitores da significação do ministério celestial de Cristo.”<sup>52</sup> Como mencionado, os crentes estavam em risco de abandonar a nova fé. Dessa forma, o escritor lhes assegura que quem ministra por eles é o Salvador exaltado, que está à destra do trono da Majestade no céu. É uma maneira de exortá-los a continuar em sua experiência, não desistir diante dos obstáculos, pois há um Sumo sacerdote no céu, em cujo “trono de graça” se pode encontrar socorro para os momentos de necessidade.

Ainda deve ser lembrada a promessa que Jesus fizera aos Seus discípulos poucos anos antes: de estar sempre – até a consumação dos séculos – com eles (Mt 28:20). Deve ser enfatizado, contudo, que fisicamente Jesus estava limitado a um só lugar no espaço, não podendo auxiliar a todos os Seus seguidores ao mesmo tempo. Por isto Ele, ao prepará-los para o momento da despedida, afirmou que Sua ida/volta era necessária, para que o Espírito, o Outro Consolador, pudesse vir. Dessa forma, Jesus cumpriria Sua promessa de estar sempre com eles, em todos os tempos, em todos os lugares, até a consumação dos séculos. E uma evidência disso foi o episódio registrado em Atos 2, ocorrido durante a Festa do Pentecostes.

A epístola possui também uma aplicação secundária, que alcança os crentes de todos os tempos. A mensagem de que Cristo tem estado ministrando na presença de Deus desde Sua ascensão é uma fonte de ânimo e conforto para

<sup>50</sup> George Eldon Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1974), 583.

<sup>51</sup> Pereyra, 160.

<sup>52</sup> Salon, 210.

todos os que, em cada época, têm que passar por momentos de depressão espiritual e necessitam de uma palavra de exortação para prosseguir. Um conhecimento mesmo superficial da história da igreja comprova todos os dramas e sofrimentos dos cristãos em todos os tempos. Dessa forma, a mensagem de um Salvador exaltado, entronizado, intercessor, que provê socorro e graça em ocasião oportuna, é uma mensagem sempre atual.

Também deve ser apontado aqui que, desde uma perspectiva escatológica, de enfrentamento espiritual, de oposição do dragão e seus poderes aliados, é ainda muito mais necessário saber que “possuímos um tal sumo sacerdote” (8:1). Enquanto a ponta pequena, que representa um poder de natureza espiritual, persegue e acusa (Dn 7:21,25), Cristo os vindica (vv. 26,27). Há pleno e livre acesso à presença de Deus, na qual os santos são vindicados diante dos poderes espirituais hostis.

A partir dessa perspectiva é interessante contrastar a posição do dragão em Apocalipse 12 com aquela de Jesus em Atos 7. Em Apocalipse o vidente de Patmos vê o dragão “em pé” sobre a areia do mar (v. 18). Nesse contexto, a idéia parece ser de expectativa, tendo em vista o prosseguimento de suas atividades persecutórias contra o remanescente. E isso ele faz mediante as agências da primeira e segunda bestas de Apocalipse 13, buscando a adoração e lealdade do homem por meio de estratagemas enganadores (vv. 13-14), impedindo atividades de compra e venda para todos quantos não tenham a marca da besta (v. 17) e, finalmente, decretando a morte daqueles que não satisfazem suas ambições não santificadas.

Em Atos 7 a situação retratada também é de conflito, de enfrentamento e de lealdade ao Senhor Jesus. As agências humanas usadas por Satanás estão a ponto de matar um discípulo de Cristo. Nessa hora Estêvão tem uma visão plena de significado. Ele vê “o exaltado Jesus como o vitorioso Filho do homem, destinado a possuir domínio mundial, e digno de adoração.”<sup>53</sup> Segundo o testemunho de Estêvão: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus” (v. 56). A posição assumida por Jesus parece significativa. Tem sido sugerido que “provavelmente” a “principal implicação” desta postura do Filho do homem é que Ele está próximo de “vindicar Seu servo por Sua parousia.”<sup>54</sup>

Numa situação de perigo para os filhos de Deus, a idéia é que eles não são

---

<sup>53</sup> Ralph P. Martin, *New Testament Foundations: A Guide for Christian Students*, ed. rev. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1986), 88.

<sup>54</sup> *Ibid.*, 89. Martin também observa que neste ponto Lucas aponta para a não-iminência da parousia geral, admitindo que os cristãos podem morrer neste íterim, antes que o Senhor volte. Alan Richardson observa que a postura de Jesus “denotaria uma atitude de intercessão” e classifica como “improvável” a sugestão de Crisóstomo de que Cristo Se levantou para “recepcionar” ao Seu primeiro mártir (*An Introduction to the Theology of the New Testament* [New York: Harper & Row, Publishers, 1958], 200, nota 1).

deixados a sós para lutar. Jesus, exaltado à destra de Deus, investido com autoridade e poder, Se levanta em Seu lugar, interessado no que ocorre e, ao mesmo tempo, fortalecendo e socorrendo a quem necessita (cf. Mt 28:20; Hb 4:16). De certa maneira talvez se pudesse dizer que Estêvão aqui teve uma visão do “autor” de sua fé pessoal (Hb 12:2) e assim pôde permanecer fiel mesmo em face da morte.<sup>55</sup>

**Salvação.** Pode Jesus resolver o problema do pecado que afeta a humanidade, o sentimento de culpa que oprime e angustia? Está o homem à deriva, errante no mundo, sem esperança quanto ao seu futuro final? A afirmação categórica do autor é que “possuímos tal sumo-sacerdote” (8:1) que “pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus” (7:25), pois fez “a purificação dos pecados” (1:3) de “uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu” (7:27).

Ao comentar Hebreus 1:3, o *Seventh-Day Adventist Bible Commentary* declara que “por sua expiação Cristo realizou a purificação do pecado em geral e a purificação do pecado individual.” Diz ainda que esta última parte de sua obra de purificação foi feita possível pela cruz e que ainda está “prosséguido e não terá terminado até que a última alma esteja salva.”<sup>56</sup> Toda a ênfase é colocada no aspecto da morte de Cristo e sua relação com os seres humanos.

A *Interpreter's Bible* relaciona a frase ao sacerdócio de Cristo em favor da humanidade e segue uma linha de pensamento que mostra a total incapacidade humana e a provisão feita por Cristo para purificar o homem.<sup>57</sup>

Andreasen, contudo, encontrou uma significação completamente diferente, com uma profundidade teológica surpreendente.<sup>58</sup> Para ele a expressão “purificação dos pecados” (*katharismos ton hamartion*) está na voz média. E isto significa que a purificação dos pecados feita por Cristo diz respeito primeiro a Sua própria pessoa. E conclui dizendo que “em Sua própria vida Ele venceu a tentação.”<sup>59</sup> Embora Westcott concorde que esta idéia está contida no termo, afirma que o significado correto parece ser “remoção dos pecados.”<sup>60</sup>

Pode-se concluir, portanto, que a obra realizada por Jesus na cruz do Calvário tem que ver com o problema básico da humanidade, i.e., a alienação

<sup>55</sup> Cf. “Right hand of God” (Atos 7:55), F. D. Nichol, ed. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1953-1957), 6:205. Revisado em 1980. Doravante *SDABC*.

<sup>56</sup> *SDABC*, 7:397.

<sup>57</sup> *The Interpreter's Bible*, 11:602.

<sup>58</sup> Andreasen dedica 13 páginas ao verso 3 em seu livro *The Book of Hebrews*, 49-61, onde desenvolve uma interessante teoria sobre as três fases da expiação de Cristo.

<sup>59</sup> Andreasen, 53. Apesar da extensão do argumento, não se pode concordar com ele de que a obra de purificação dos pecados feita por Cristo significa a vitória sobre a tentação durante Sua vida terrestre. Pelo contrário, o texto aponta para o sacrifício vicário realizado na cruz do Calvário em favor da humanidade, onde o sangue do Cordeiro de Deus O habilita a purificar o Seu povo de seus pecados. Assim encontramos logo no início da epístola uma implicação da obra sacerdotal de Jesus, que será desenvolvida mais plenamente nos capítulos seguintes.

<sup>60</sup> Westcott, 15.

produzida pelo pecado e conseqüente condenação à morte. Esta foi uma situação contingencial que requeria que alguma coisa fosse feita para solucioná-la. E esta ação não poderia ser efetuada por outro homem, por mais perfeito que este fosse. Dessa forma, o Céu se dispôs a resolver a questão enviando “o dom de Deus” (Jo 4:10) para fazer a purificação que não era possível através do sistema levítico. Como resultado desta providência divina, o homem obtém a remissão dos pecados e entra no “Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus” (Hb 10:19).

**Intercessão.** Ao expor o tema do sacerdócio de Cristo seguindo a ordem de Melquisedeque, sua superioridade sobre o levítico e a perfeição do ministério que conduz, o autor da carta afirma que o sacerdote celestial vive “sempre para interceder”<sup>61</sup> por aqueles que se chegam a Deus por Seu intermédio (Hb 7:25).

Embora o perfeito sacrifício de Jesus tenha sido oferecido de uma vez para sempre na cruz do Calvário (Hb 7:27; 9:28; 10:10), não quer dizer que Sua entrada no céu (9:24) e Sua presença atual à destra de Deus “careçam de importância desde o ponto de vista soteriológico.”<sup>62</sup>

A idéia de um Cristo intercessor “não deve ser entendida” como se Deus necessitasse ser “persuadido” a fazer coisas boas por Seu povo.<sup>63</sup> O maior dom de que o céu dispunha já foi oferecido na cruz do Calvário (Jo 3:16). E, juntamente com tal dom, Deus concede todas as demais coisas necessárias ao cristão. A intercessão realizada no santuário celestial se baseia na própria experiência de Cristo, o qual foi tentado em todas as coisas, assim como o homem. Dessa forma, Ele conhece as lutas, as dificuldades, o poder da tentação, e pode mediar as necessidades do cristão. Isto faz dele um Sumo-sacerdote “único e definitivo.”<sup>64</sup>

A frase “vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25) pode ser entendida de duas maneiras:<sup>65</sup> (a) causal: suprimindo uma razão adicional para a habilidade do exaltado sacerdote salvar absolutamente; e (b) modal: indicando a maneira em que Ele é apto para salvar.

A expressão “vivendo sempre” afirma que Jesus age em favor de Seu povo durante todo o tempo que for necessário para a realização de Seu plano salvífico. Não há um só momento em que o povo de Deus esteja a sós em sua luta contra o pecado. Sempre tem a Cristo, que pode satisfazer cada necessidade do cristão.

A forma em que Jesus realiza Seu ministério permanente é indicada pela

<sup>61</sup> Em Hebreus 9:24 é afirmado também o aspecto da obra intercessória de Cristo quando se diz que Ele entrou “no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus.”

<sup>62</sup> Otto Kuss y Johann Michl, *Carta a los Hebreos y Cartas Católicas*, ed. rev. y ampl., *Comentario de Ratisbona al Nuevo Testamento*, trad. Florencio Galindo (Barcelona: Editorial Herder, 1977), 153.

<sup>63</sup> “Maketh intercession” (Rom 8:34), *SDABC*, 6:578.

<sup>64</sup> “Prayer”, *Interpreter's Dictionary of the Bible*, George Arthur Buttrick, ed. (Nashville: Abingdon Press, 1962), 3:865.

<sup>65</sup> Lane, 190.

frase “para interceder por eles”. O verbo *entygkanein* com *hyper* seguido pelo genitivo significa “aproximar em favor de alguém.”<sup>66</sup> Com Sua exaltação ao céu, sendo investido como sumo sacerdote de Seu povo, Jesus Se tornou o permanente intercessor de todos os crentes.

O termo *entygkanein* também é usado pelo apóstolo Paulo em referência ao intercessor celestial. Em Romanos 8:34 ele afirma que o Cristo que ressuscitou está “à direita de Deus” realizando uma obra intercessória pelos “eleitos de Deus” (v. 33). Neste contexto há uma associação com a morte, ressurreição, ascensão e o assentar-se à destra de Deus, onde realiza Sua obra sumo-sacerdotal, que inclui intercessão em favor dos que confiam em Seu poder e O aceitam como Salvador e Senhor.

Concluindo, pode-se afirmar, com Bruce, que Jesus “é o único mediador entre Deus e o homem, porque Ele combina divindade e humanidade perfeitamente em Sua própria pessoa.” Desta maneira, Deus Se acerca ao homem em Jesus e o homem, de igual forma, se aproxima de Deus, “com a segurança do acesso constante e imediato.”<sup>67</sup>

### Conclusão

O motivo da entronização de Jesus à destra de Deus é retirado do AT, particularmente do Salmo 110. Conforme se procurou mostrar, o salmo fala do completo triunfo do Messias sobre todos os Seus inimigos. Dessa forma, aponta para um momento no futuro quando todos reconhecerão o Seu governo. Presentemente, Jesus ocupa um trono, tendo como território de domínio o coração daqueles que O aceitam como Salvador e Senhor, o que é teologicamente denominado “Reino da Graça.” Não obstante, o cristão ora pela vinda do “reino,” isto é, o Reino da Glória, quando não haverá uma só nota dissonante na harmonia universal. Será este o momento quando todos os inimigos serão colocados “debaixo dos pés” do Messias-Salvador-Senhor e reconhecerão Sua dignidade e justiça.

Não apenas Jesus ocupa o trono do ‘Reino da Graça’, como também Se desempenha como Sumo sacerdote no santuário celestial. Para esta posição Ele Se qualificou por Sua humanidade (5:1), porque Deus assim jurou (Sl 110:4; Hb 7:21) e por Seu perfeito sacrifício (7:26-28). O ministério sumo sacerdotal de Cristo no santuário celestial era importante na construção do argumento da epístola, porque atendia a uma necessidade histórica, isto é, desviar os olhos dos destinatários do que acontecia no templo em Jerusalém (um sistema caduco) para o que acontecia no superior santuário celestial. Dessa forma pretendia o autor fortalecer a fé dos seus irmãos, que passavam por uma crise espiritual,

<sup>66</sup> *Ibid.*

<sup>67</sup> Bruce, 156.

definindo em sua comunhão com Cristo e dispostos a retornar aos “rudimentos” da fé. Se seu objetivo foi alcançado, não é possível concluir a partir das evidências internas.

É possível concluir também que a argumentação do autor foi bastante útil na experiência posterior de incontáveis cristãos no transcorrer da história, que foram fortalecidos pelas exortações do apóstolo a permanecer firmes na fé e na esperança da volta de Jesus (10:32-39).

As exortações encontradas na carta são também de particular importância para os crentes que vivem no “tempo do fim,” quando terão que decidir a quem prestar adoração, se à besta (Ap 13) ou Àquele “que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Ap 14:6-7). A convicção de se ter um tal sumo sacerdote, assentado à destra de Deus, naqueles que, seguramente, serão os momentos mais dramáticos em toda a história da humanidade, trará firmeza, segurança, ânimo e disposição para continuar.

Este Sumo-sacerdote abriu um novo e vivo caminho para o cristão, mediante o qual, com fé (Hb 11:6), se pode aproximar de Deus. De maneira especial, deve-se olhar para Cristo, o Autor e Consumador da fé (Hb 12:2). De acordo com Wuest, o termo “olhando” é *aphorao*, cujo significado é “voltar os olhos de outras coisas e fixá-los sobre alguma coisa,” ou ainda “voltar a mente para uma certa coisa.”<sup>68</sup> No contexto de Hebreus, os leitores estavam voltando seus olhos para o sacerdócio terrestre que ainda era conduzido no templo de Jerusalém. Todas as cerimônias relacionadas ao serviço e às festividades ligadas ao templo estavam em operação.

Desta maneira, o autor exorta sua comunidade a desviar os olhos e mente do templo de Jerusalém e dos sacerdotes levíticos, e fixá-los no templo celestial, onde Jesus está assentado à destra de Deus. Este Jesus, exaltado em Seu templo celestial, é a garantia da vitória da fé. Como Ele venceu e assentou-Se com Seu Pai em Seu trono, assim também promete que o vencedor se assentará com Ele em Seu trono (Ap 3:21).

---

<sup>68</sup> Kenneth S. Wuest, *Hebrews in the Greek New Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1947), 214.